

## Oriente Médio

---

>>> A seguir, uma representação cartográfica com a região do Oriente Médio: em verde, a abrangência da cultura muçulmana, e, em vermelho, Israel. (Fonte do Mapa: [WWW.masada2000.org/isrworld.gif](http://WWW.masada2000.org/isrworld.gif))



### História de Israel

A região do Oriente Médio possui uma história civilizacional que possui cerca de 6 mil anos e, pela convivência milenar de povos com hábitos e crenças diferentes, é natural que conflitos por territórios tenham sido travados. Esses conflitos se fazem perceptíveis ao longo da história, como nas guerras entre os povos assírios, acádios, sumérios e babilônicos, desde 800 a.C. O reino de Israel já era disputado naquela época, mas cabe observar que Israel não era ainda um país, mas, sim, um reino, as fronteiras de antes também não são iguais às atuais, as fronteiras atuais foram decididas ao longo da história. Com as constantes invasões de diferentes impérios, essa região do Oriente Médio foi se mesclando de diferentes culturas e a diversidade de crenças, costumes e línguas é bastante alta na região, são as marcas que o tempo deixa no espaço. Quando sabemos que Israel foi dominada, na antiguidade, por romanos, macedônios, assírios e, na Idade Média, por muçulmanos, percebemos como um local que recebe uma série de povos diferentes deve ficar marcado por aspectos culturais diversos.

A partir da Idade Média, quando os muçulmanos dominam a região, os cristãos tentam reaver a região onde Jesus teria passado: muçulmanos acreditam em Maomé como profeta de Deus, Alá, e seu livro sagrado é o Alcorão; já os cristãos acreditam em Cristo como o filho de Deus, e o seu livro sagrado é a Bíblia. Esse período de tentativa de

reconquista do oriente pelos europeus chama-se Cruzadas, e essas guerras entre igreja católica e islamismo mascaram, também, o interesse dos europeus em recuperar as rotas comerciais para as Índias tomadas pelos árabes. Somando-se, a isso, o fato de que o Hebreu era o povo que reivindicava, historicamente, o lugar. Os hebreus (atuais judeus) têm uma crença diferente tanto de cristãos quanto de islâmicos, assim sendo, compreende-se o tamanho do conflito que se configura para a região.

No período imperialista europeu, no século XIX, a Europa invade e interfere, mais uma vez, nas questões do Oriente Médio, só que dessa vez com a bandeira do “progresso”, buscando explorar as riquezas dos países pobres e subjugar-los. Todos esses fatores somados darão vazão a uma região de intensos conflitos, que estouram, a todo momento.

### Formação do Estado de Israel

Os romanos, no ano de 70 a.C., destroem Jerusalém e dispersam o povo Hebreu, assim, esse povo fica espalhado por outros lugares, em outros reinos (esse período é conhecido como *Diáspora*). A área fica sem domínio com a saída dos romanos e os árabes assumem o controle do lugar. Desde então, o povo judeu passou a não mais possuir um Estado próprio, sendo uma nação sem Estado. É importante que façamos uma diferenciação: o Estado define-se por ser um território que vive sob determinadas leis e centralizado por um poder político, possui autonomia política e exercício do controle social; diferente de Nação, que se caracteriza por um grupo de pessoas que vivem unidas por laços culturais, como língua, crenças, costumes, dentre outros aspectos culturais e étnicos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o povo judeu sofreu as torturas e mortes dos campos de concentração, além de todo o preconceito do nazismo. Ao término da guerra, a comoção global, com os maus tratos aos judeus, fez com que se decidisse, entre os países, pela criação do Estado judeu, que em 1948 foi confirmada.

A formação do Estado de Israel promoveu a revolta de nações vizinhas, os árabes, não satisfeitos com um núcleo judeu no meio de uma cultura islâmica, apoiaram os palestinos quando esses se revoltaram com a retirada de quase todo o seu território para construção do Estado israelense. O que sobrou para os palestinos foi uma pequena parte, que logo lhes foi retirada, para constituição do Estado da Jordânia, logo, o povo sem Estado passou a ser o palestino, e não mais os judeus. Além disso, os americanos apoiaram os israelenses, vendo neles uma boa chance de inserção e influência

americana na região.

### Israelenses e Muçulmanos

Grande parte dos conflitos, na região, tem sua motivação pelas difíceis relações entre árabes e israelenses, as diferenças entre ambos são, quase sempre, resolvidas à base de violência. Não podemos nos esquecer da influência americana sobre Israel, que tem suas decisões muito pautadas nas vontades americanas.

O controle sobre o Canal de Suez (canal que liga o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo, ao norte do Egito), que estava em posse dos países europeus e do Estados Unidos, é tomado pelo Egito e nacionalizado. Dentro dessa perspectiva, Israel, em estreita relação com os EUA, promove um ataque ao Egito e domina o lugar, reconquistando o controle do canal, em 1956.

Israel não concorda com uma aliança militar entre Jordânia, Síria e Egito, e entra em conflito com esses países, em 1967, vencendo e dominando regiões como a Cisjordânia (território reclamado por palestinos e pela Jordânia), a Faixa de Gaza, as colinas de Golan e o Sinai, essas regiões tinha sido abandonadas por Israel, frente a pressão internacional, em 1956. Esse conflito ganhou o nome de Guerra dos Seis Dias.

Seis anos depois, a aliança derrotada por Israel volta a se reunir e ataca o país, só que Israel contra-ataca com violência e a guerra inicia; passados dezesseis anos, americanos e soviéticos envolvem-se na questão e decidem pela paz na região. Esse conflito ganhou o nome de Guerra do Yom Kippur, pois, ocorreu durante os festejos religiosos judaicos de mesmo nome.

A região é foco de inúmeros conflitos que permeiam o cotidiano de quem vive no Oriente Médio, alguns são mais violentos e receberam menção, porém, a violência segue naquela área do globo como um fato diário.

### Palestinos

Após perderem seu Estado, os palestinos se dispersaram por outros países, aguardando alguma decisão justa para com seu povo, mas, apenas em 1970, surge o líder Yasser Arafat e passa a debater diplomaticamente os direitos dos palestinos, esse movimento, chamado de Organização para a Libertação da Palestina, ganha força e é reconhecido internacionalmente.

Próximo da década de 1990, movimentos violentos palestinos passam a combater pela liberdade do país, movimentos autônomos, de estudantes e civis, que lutam como podem contra os exércitos de Israel: a esses movimentos dá-se o nome de Intifada. Os ataques terroristas começam a crescer e a serem relacionados com atividades extremistas religiosas, e, sabe-se que elas apresentam motivos diferentes. Os ataques terroristas popularizam-se, e passam a ocorrer, também, por parte de civis israelenses, o que transforma a Faixa de Gaza em um local extremamente perigoso.

A paz foi tentada algumas vezes, como em 1978, com o Acordo de Camp David e, em 1998, com os Acordos de Wye Plantation, ambos visavam acalmar a possível guerra fatal na região e estabelecer o Estado palestino, o que não ocorreu e continua dando margem a mais conflitos.

No final de 2008 é que se percebeu que esse conflito segue mais vivo do que nunca, pois, Israel passou a bombardear a Faixa de Gaza, buscando o controle militar sobre a região.

### Libano

Quando os franceses abandonam o país, em 1946, após exploração, deixam um país dividido entre católicos e muçulmanos, o que promove uma situação de extremo desconforto interno, pois, a metade católica possui riquezas, enquanto a muçulmana fica bastante empobrecida. Isso promove a revolta dos desfavorecidos, que se potencializa com a união dos palestinos que vão habitar o país e juntar-se aos que dividem da mesma crença islâmica, além dos egípcios, que também apóiam a causa. Aos católicos, unem-se os sírios, formando a união sirio-libanesa, que também é apoiada por Israel.

De 1942 a 1945, Israel domina o Líbano e ao sair deixa soldados para manter o poder na mão dos católicos e assegurar a estabilidade interna, essa atividade ganha o nome de “Paz na Galiléia”. Porém, muitos grupos ainda permanecem revoltados, como os “Xiitas”. Vários acordos estão sendo estabelecidos para tentar conciliar cristãos e muçulmanos.

### Iraque

O Iraque, ao longo de sua história, foi o chão de muitos povos diferentes, como Acádios, Babilônicos, Assírios e Caldeus. O local, onde atualmente se encontra o país, foi

berço da civilização suméria. Essa região compreende a antiga Mesopotâmia, que significa, em grego, “meso=entre”, “potamis=rios”, ou seja, “entre rios”... pelo fato dessa civilização ter se localizado entre os rios Tigre e Eufrates. Essa civilização recebeu influência de gregos e de persas, que dominaram o lugar por longo tempo. Tempos depois o local tornar-se-ia um grande império árabe, constituído dessa forma até ser dominado pelo Império Otomano (povo turco), o que perdurou até 1920, quando a hegemonia turca desmoronou, dando vazão ao domínio europeu da região, no período pós Primeira Guerra Mundial. Essa época de controle europeu foi marcada pela tutela da região sendo destinada à Inglaterra, o que não foi aceito pelo povo local, que movimentou uma revolução pela independência... logo surgirá o Iraque.

O país apresenta uma predominância étnica de árabes e uma minoria de população curda. Os curdos são uma civilização que habita vários países, formando uma espécie de “nação ilegal”, mantendo seus próprios costumes dentro de diferentes Estados. Por isso, a língua oficial é o árabe, exceto no território curdo, e a religião é a islâmica. Existe um confronto entre os povos xiitas (80% da população muçulmana) e os povos sunitas (que são uma minoria, 20% da população muçulmana), que são remanescentes do período que precede a morte de Maomé (profeta muçulmano), pois cada grupo reclama o fato de ser o descendente do profeta. O país está dividido geograficamente entre curdos no norte, xiitas no sul e sunitas no centro.

O conflito com os americanos é um marco na história do Iraque, um acontecimento que mudou os rumos do Iraque (e por que não do mundo?), uma das grandes ações bélicas desses últimos anos e, podemos falar com segurança isso, a maior do século XXI. É importante discutir um pouco sobre o histórico que envolve Estados Unidos e Iraque, nesse sentido, caminhamos para o passado até a Guerra do Golfo, ou melhor as duas Guerras do Golfo.

A primeira Guerra do Golfo acontece quando um líder iraniano sobe ao poder (o Aiatolá Khomeine) no Irã, levantando uma revolução islâmica, porém, com medo disso, Saddam Hussein trava uma guerra na fronteira do Irã com o Iraque, com a desculpa de defender seu território e seu petróleo, mas o que está por trás disso é a questão da grande população islâmica que habita o Iraque, e o receio de Saddam que eles sigam o exemplo dos iranianos e levantem-se em armas, também. Nessa guerra, a Arábia Saudita e o Kuwait envolveram-se, com o mesmo medo que Saddam tinha, porque os dois países receavam uma revolução islâmica. Além deles, os americanos apoiaram o Iraque, sob o controle do presidente Ronald Reagan, buscando controlar os ânimos no local e impedir uma vitória islâmica, o que seria péssimo para os EUA, já que eles queriam o controle da região (e de certa forma tinham). A guerra terminou sem vencedores, em 1988 (oito anos

depois de ter começado), e com o Iraque com sua economia destruída, por comprar armas da Europa e dos EUA.

A segunda Guerra do Golfo envolve Iraque e Kwait, o país que foi o maior colaborador financeiro do Iraque na primeira Guerra do Golfo, agora era seu inimigo. Saddam Hussein tinha o plano de produzir menos petróleo, para que o preço desse produto subisse no mercado global, e pediu a ajuda dos produtores vizinhos (esses compunham a OPEP, Organização dos Países Exportadores de Petróleo). Mesmo com o pedido, o Kwait não aceitou, fato que irritou Saddam, que enviou tropas ao país, mas que foram interrompidas na fronteira, pois, tropas americanas, dessa vez, estavam contra o Iraque. O desfecho disso foi a derrota do Iraque e um embargo econômico da ONU ao país de Saddam, que sofreu com sérios problemas de pobreza (o presidente dos EUA, na época, era George Bush, pai de George W. Bush, esse mesmo que invadiu e destruiu o Iraque na Guerra de 2003). Somado a isso, a ONU queria por fim às armas de destruição em massa que, diziam os americanos, que o Iraque possuía. Mesmo com essas derrotas e crises, Saddam Hussein manteve-se no poder, firme e forte, reprimindo algumas revoltas de xiitas e curdos, mas, apesar disso, teve relativa tranquilidade.

Avançando no tempo, até os dias mais atuais, podemos ver a Guerra do Iraque, a que aconteceu em 2003, como uma terceira Guerra do Golfo, pois, Saddam continuava entalado na garganta dos EUA. Com a queda das torres gêmeas, atacada por afegãos, o presidente Bush (agora o filho), inclui o Iraque como participante do “eixo do mal”, esse seria um país perigoso à ordem mundial. Bush resolve invadir o Iraque atrás das ditas armas de destruição em massa, que Saddam diz não possuir, além disso, o líder iraquiano também acusa Bush de estar interessado no petróleo iraquiano e no comando do Oriente Médio, tentando provar, para o Mundo que o Iraque é um país perigoso à paz. Mesmo contra a opinião pública internacional, Bush (com a ajuda da Inglaterra) invade o Iraque e massacra os exércitos locais, bombardeando cidades inteiras, matando civis, inclusive. A guerra durou mais ou menos dois meses, esse foi o tempo necessário para os exércitos ocidentais dominarem o país e encontrarem Saddam Hussein, que foi condenado à morte.

Até hoje, os americanos e ingleses mantêm seus exércitos no Iraque, sofrendo, muitas vezes, ataques de civis. Um governo escolhido por ocidentais foi posto no país, e os EUA conseguiram tomar posse e controlar o petróleo local (até hoje não foi encontrada uma só arma de destruição em massa no território iraquiano). Quanto a armas de destruição em massa, é bom aguardar os próximos tempos das políticas nucleares do Irã, já se sabe que ele possui armas de destruição em massa, e o governo que assumiu em 2005 admitiu que irá investir no programa nuclear, vale a pena aguardar o que os EUA,

que já se demonstraram insatisfeitos, vão fazer.

Passada a guerra, algumas reflexões são importantes, um país invade outro e julga-o com suas leis, condenando-o; também, é esse mesmo país que determina o que é lícito e o que não é, no mundo... se algo desagrade os americanos, logo, é ilegal. Ainda que Saddam Hussein fosse um ditador e um assassino, uma solução deveria ser mais claramente discutida com a população local, mas extirpar o país como se fosse uma erva daninha foi algo demasiado autoritário. Se as armas não existiam, por que os EUA não retiraram suas tropas? Algumas sanções impostas ao país mostram os reais interesses americanos com essa guerra: as empresas estrangeiras têm direito de adentrar o país e fazer negócios, tendo direito à segurança total; é permitido o trânsito de mercadorias (tanto entrada quanto saída) do país, sem cobrança de impostos sobre os lucros; os EUA tem poder decisório dentro do país, até que passe o período de perigo (e quando irá passar, quando acabar o petróleo?); os agricultores locais só podem utilizar sementes registradas.

Esse é mais um exemplo, dentre tantos outros, da força determinando os rumos da história e configurando o espaço geográfico. Como seria habitar um mundo sem imposições, um mundo no qual pudéssemos observar um povo organizar-se pacificamente ao longo do tempo, não sofrer uma imposição determinada pelo exercício do autoritarismo estrangeiro. Será mesmo que “nós”, ocidentais, podemos falar em democracia? Uma das desculpas de Bush para invadir o Iraque era a de que Saddam era um ditador, mas essa invasão foi democrática? E o que é democracia, será que ela existe de fato, nós decidimos nossos rumos políticos ou apenas nos querem fazer crer nisso?